

A Esquerda Europeia

por Mário Soares

A União Europeia continua num impasse. A presidência portuguesa esforça-se por o ultrapassar, procurando cumprir o mandato da chanceler Merkel e fazer assinar o Tratado chamado Reformador, pelos 27 membros da União, em Outubro ou, na pior das hipóteses, até ao fim do ano. Veremos se o irá conseguir...

Entretanto, a relação de forças político-partidárias está a mudar na Europa, com a Esquerda, no seu conjunto, em impressionante regressão. A social democracia ou socialismo democrático, como gosto mais de lhe chamar, perde terreno, no plano dos valores, mesmo nos Estados cujos governos são dirigidos por partidos socialistas, como: a Itália, a Espanha e Portugal. A Itália, com a criação de um partido democrático, liderado por Walter Veltroni, parece querer fazer desaparecer o socialismo do quadro político italiano como se fosse uma palavra maldita. A Espanha e Portugal por razões eleitoralistas óbvias, aproximam-se do Centro com a intenção de melhor bater a Direita. Para não falar dos países escandinavos, onde os partidos social democratas perderam muito do seu antigo vigor. Ou dos países do Leste Europeu em que por razões aliás compreensíveis, o socialismo ainda tem uma conotação muito negativa, herdada de um passado comunista que não deixou saudades. No Reino Unido, a chamada "Terceira Via" de Tony Blair e de Anthony Giddens é uma má lembrança do passado. O pragmatismo de Gordon Brown, anti-ideológico, procura afirmar-se perante uma real incapacidade dos conservadores.

Em França, depois da vitória de Nicolas Sarkozy, passados os primeiros cem dias politicamente bastante erráticos, quanto às posições tomadas, como a personalidade do seu inspirador, o Partido Socialista parece afundar-se numa enorme confusão – fala-se de "refundação socialista", sem explicar o que isso significa – e a extrema Esquerda, comunista, trotskista, alter-mundialista e verde reduziu significativamente o seu peso no plano eleitoral.

Por toda a parte avulta, parece, a tentação centrista, a bater à porta dos Socialistas. É um fenómeno curioso que tem a ver, seguramente, com a propaganda feita, nos últimos anos, pelo neo-liberalismo, sobre o pseudo "fim das ideologias". Como se o neo-liberalismo não fosse, ele próprio, uma ideologia, triunfante após o colapso do comunismo e agora em acentuado descrédito – ou mesmo em fase de esgotamento – com o fracasso das políticas de Bush, quer no plano interno (vide as sequelas não ultrapassadas, dois anos depois do furacão Katrina, em Nova Orleães, a crise financeira que surge como um sinal preocupante, para além dos sucessivos escândalos ligados à corrupção e não só), quer no plano externo (no Iraque, Afeganistão, Líbano, Irão, agravamento do conflito Israelo-Palestiniano e noutras áreas geo-estratégicas fulcrais como: a Rússia, China, América Latina...).

Durante os dois mandatos do Presidente Bush (2000/2008) a América do Norte passou de hiperpotência dominante, polícia do Mundo, com pretensões a poder dispensar o sistema das Nações Unidas, para uma hiperpotência militar, que ainda é, dividida internamente e cercada no exterior. Um desastre completo!

O terrorismo, o flagelo do nosso século, longe de recuar, fortaleceu-se com a guerra do Afeganistão e, sobretudo, do Iraque: dois campos de treino privilegiados dos terroristas. A derrota dos neo-cons é, assim, um facto irrefutável, depois dos abusos de poder e dos escândalos de que são exemplos Wolfowitz, Karl Rove, o cérebro do pensamento neo-con, e agora Alberto Gonzalez. Dos mais próximos inspiradores de Bush só falta abandoná-lo Dick Cheney, o seu tão comprometido e polémico Vice-Presidente.

Curiosamente, este manifesto declínio do prestígio americano, que reclama grandes mudanças políticas, sociais e económicas, uma vez que é sentido pela esmagadora maioria dos americanos, não se tem repercutido na Europa. Os políticos europeus –e sobretudo os que se

reclamam do socialismo democrático – obcecados pelo curto prazo e pelo eleitoralismo fácil parecem imunes às mudanças que 2008 vai necessariamente trazer, dado o mal-estar das opiniões públicas europeias e o profundo descontentamento quanto à falta de políticas que satisfaçam as legítimas aspirações das populações: salvar o Planeta ameaçado; lutar eficazmente contra a pobreza, não só na Europa como nos outros Continentes; consolidar o modelo social europeu; assegurar a paz, pelo reforço das Nações Unidas; fazer da União Europeia um protagonista global, com os seus valores próprios e como tal reconhecido na cena internacional; revitalizar o socialismo democrático, de forma a dar respostas coerentes às preocupações das pessoas e aos seus problemas concretos.

As eleições para o Parlamento Europeu, em Junho de 2009, deverão ser um bom momento de afirmação do socialismo democrático. Surgem num momento internacional que se afigura propício. Mas até lá é preciso trabalhar seriamente. Clarificar e debater, ao nível das bases, os problemas ideológicos e políticos e afirmar um projecto político e económico-social a longo prazo, sem ambiguidades.

As eleições são importantes, mas não são tudo. A não ser para os políticos de curtas vistas e que se limitam a ver a política pelo prisma das suas ambições pessoais...

Vau, 30 de Agosto de 2007